

**Associação Nacional de História – ANPUH**  
**XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**Entre o homem e o espaço: o regionalismo de Monteiro Lobato**

Danyllo Di Giorgio M. da Mota\*

**RESUMO:** Analisando a obra de Monteiro Lobato, é possível mapear inúmeras questões que estavam postas para os intelectuais de sua época. A consolidação de uma identidade paulista, através do trabalho de uma elite intelectual local, adquiriu traços de identificação do homem nacional. Inserida em um contexto regionalista, a obra de Lobato apresenta características que a distinguem das obras de outros autores que seguiram essa linha. Uma dessas características é a relação entre o homem e o espaço. Nessa relação, a desqualificação do caipira e a valorização do espaço caracterizam o regionalismo da obra de Lobato.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, Regionalismo, Identidade.

**RESUMÉ:** En analysant l'oeuvre de Monteiro Lobato, il est possible d'envisager de nombreuses questions que se posaient les intellectuels de son temps. La consolidation d'une identité "paulistaine", à travers le travail d'une elite intellectuelle locale, a acquis des traits d'identification de l'homme national. Insérée dans un contexte regional, l'oeuvre de Lobato présente des caractéristiques qui la diffère des oeuvres des autres auteurs qui ont, eux, suivi ce même chemin. La relation entre l'homme et l'espace en est un exemple. Dans cette relation, la déqualification du paysan et la valorisation de l'espace caractérisent le regionalisme de l'oeuvre de Lobato.

**Mots-clé:** Monteiro Lobato, regionalisme, identité.

No Brasil, o período que se estende entre o final da década de 1910 e a primeira metade da década de 1940, é marcado por grandes transformações no campo político e ideológico. A crise do sistema republicano, caracterizado pela República dos Conselheiros e pela Política dos Governadores, liga-se à falência de um sistema oligárquico dominado por uma elite decadente. O problema da constituição de uma identidade nacional e a própria idéia de consolidação de uma nação brasileira ainda estão no centro dos debates intelectuais nesse período. Os intelectuais dos anos 1920-1940 mostram-se preocupados com o problema da identidade nacional e das instituições, por não reconhecerem que a nação já esteja formada (PÉCAUT, 1990: 14). Daí a procura por características que fossem propriamente da nação brasileira, como forma de afirmar a existência da própria Nação.

---

\* Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG.

Segundo Edward Said, a afirmação de identidades nacionalistas, entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX, está ligada à resistência cultural ao imperialismo europeu e norte-americano (SAID, 1995: 12). O Imperialismo é sustentado por formações ideológicas que afirmam que alguns povos precisam e imploram por formas de dominação, exercidas através de práticas políticas, econômicas, ideológicas e sociais (SAID, 1995: 40).

Para Márcia Naxara, a identidade nacional brasileira que se buscava forjar no final do século XIX e início do século XX, era pensada em função do progresso e da formação de uma sociedade do trabalho. Há também o problema causado pela imigração para a formação da identidade de uma população que apresentava-se cada vez mais heterogênea (NAXARA, 1998: 115). Surge assim, no final do século XIX, a necessidade de construção de uma identidade em oposição ao estrangeiro, que entrava de forma maciça e beneficiava-se de um imaginário que o colocava como melhor que o componente nacional (NAXARA, 1998: 77).

A variedade cultural do Brasil levou ao não reconhecimento da esfera social como um povo único. Existia uma oposição entre um conjunto de “povos e raças” diferentes, que não formavam um corpo social homogêneo, e uma elite que não reconhecia o seu povo por não identificar-se com suas tradições culturais (NAXARA, 1998: 39). Era necessária a organização desses vários povos, com características culturais diferentes, para que fosse possível seu reconhecimento como um povo homogêneo. Esse era um critério indispensável para o reconhecimento do Brasil como nação. E essa urgente tarefa de organizar a nação cabia às elites intelectuais e políticas (PÉCAUT, 1990: 14).

A relação entre cidade e campo também está ligada à consolidação de uma cultura nacional. Em nosso entendimento, esse é um dos pontos centrais da obra de Monteiro Lobato. A oposição entre cidade e campo passa pela alteridade entre uma elite ilustrada e uma população pobre e ignorante. A maior parte dessa população estava identificada ao campo que, por sua vez, estava identificado ao atraso, opondo-se a uma minoria que vivia nas cidades, da qual apenas uma parte poderia ser identificada com o progresso (NAXARA, 1998: 42). Esse problema também esteve presente nas obras de Monteiro Lobato, que utilizamos como objeto de estudo.

Quando fazemos uma investigação histórica tendo a literatura como fonte, é preciso perguntar de que literatura estamos falando. Quais as suas características e quais as formas como o autor ou a “escola” concebem sua arte (CHALHOUB e PEREIRA, 1998: 08). É preciso, então, levantar essas questões em relação à obra de Monteiro Lobato para confirmar sua relação com uma determinada construção ideológica, que se desenvolveu no

Estado de São Paulo durante as primeiras décadas do século XX, que visava a definição e valorização da identidade paulista.

## O Homem

É no cenário do regionalismo que Lobato está inserido. Sua obra apresenta inúmeros aspectos de valorização do Estado de São Paulo como símbolo da nacionalidade, por seu desenvolvimento econômico, suas riquezas e seu potencial produtivo, sobretudo no meio rural. Apesar disso, sua visão sobre o povo é radicalmente negativa, sobretudo na primeira fase de sua obra, representada pelo personagem Jeca Tatu.. Entretanto, devido às críticas feitas à sua obra, essa visão negativa foi amenizada pelo autor.

Em muitos momentos, Lobato parece dar mais valor ao espaço que constitui o Estado de São Paulo, que ao povo que nele habita. Contudo, isso não impede que o povo seja identificado em sua obra, ainda que seja pelo signo da ausência, como escreve Noé Freire Sandes (SANDES, 2002: 11). Para elucidar a ligação entre a obra de Monteiro Lobato e a questão da definição da identidade paulista, selecionamos dois de seus artigos para serem analisados com mais atenção. Os artigos são: *Os Sertões de Mato Grosso* e *O Vale do Paraíba: diamante a lapidar* (LOBATO, 1964). Os dois textos estão contidos no livro *Idéias de Jeca Tatu*, que teve sua primeira edição publicada em 1919. Contudo, o texto *O Vale do Paraíba*, produzido em 1943, foi anexado ao livro apenas na edição que compõe a coleção *Obras Completas*. A escolha desses dois artigos, como fontes para uma análise mais apurada, deve-se às diferentes visões de mundo que Lobato deixa transparecer nos dois textos.

A ligação de Lobato com o meio rural transparece em sua visão sobre sua região e também sobre o Brasil como um todo. Em sua obra, Lobato deixa subentendido que o Brasil está dividido em duas esferas – sertão e litoral. Essa visão, comum à grande parte dos intelectuais do início do século, está exposta no artigo em que Lobato reflete sobre *Os Sertões de Mato Grosso* (LOBATO, 1964). Escrevendo sobre as características da população indígena dessa região, e comparando-a com a população rural do interior paulista, Lobato afirma a “idéia avessa da realidade”, que “nós da praia fazemos do Mato Grosso” (LOBATO, 1964: 219). Assegura ainda que o “padrão geral da nacionalidade” encontra-se na região litorânea (LOBATO, 1964: 223). Escrevendo sobre os índios do Mato Grosso, o autor afirma:

(...) são civilizadíssimos, capazes de dar muita lição a essas gentes cultas do litoral que já com quatro séculos de europeísmo no lombo, têm o ‘Binóculo’ do João do Rio e juram em cima do Sr. Wenceslau Braz.

*Ah, se fossemos aqui civilizados como os índios que Rondon nos mostra em sua fita (LOBATO, 1964: 220).*

Mais que o elogio ao modo de vida dos índios do sertão de Mato Grosso, Lobato pretendia criticar as características presentes no povo da região litorânea que, para ele, representava o “padrão geral da nacionalidade”. Nessa passagem, fica exposta a crítica aos leitores da revista de João do Rio, escritor que representa o cosmopolitismo carioca que adaptou idéias européias, sobretudo francesas, alcançando grande divulgação no Rio de Janeiro. Também está exposta, ironicamente, a relação entre “as gentes cultas do litoral” e os índios civilizados. A própria idéia de civilização, transplantada da Europa para o Brasil, era negada à “gente culta do litoral” que tanto prezava esse ideal, sendo direcionada aos índios, vistos por essa mesma população litorânea como exóticos e atrasados.

Nesse mesmo artigo, o autor também expõe sua visão sobre o caipira paulista ao compara-lo com o índio de Mato Grosso:

*Quanto ao resto, para vê-los escusa ir a Mato Grosso. Lá pelas imediações de Caçapava, Taubaté e Tremembé ha-os iguaisinhos, senão mais abugralhados ainda. A diferença está em mais ou menos roupa no corpo. Ponham em pêlo os nossos caipiras daqui, inclusive o Cornélio Pires, façam-os dansar as dansas guerreiras de Gonçalves Dias, botem as caboclas a mascar milho para o cauim – e qualquer cinematografista não precisa chegar ao Mato Grosso para produzir excelentes fitas de nhambiquaras. A diferença única é que os nhambiquaras de cá são muito mais feios que os de lá (LOBATO, 1964: 221).*

Lobato indica características que igualam o caipira paulista aos índios de Mato Grosso, mas ressalta um aspecto que desvaloriza o primeiro em relação ao segundo, dizendo que os “de cá são muito mais feios que os de lá”. Assim, as afirmações sobre o caipira paulista, representante da região litorânea, “definidora do padrão geral da nacionalidade”, estão em desvantagem em relação ao homem do sertão, representado pelo índio do Mato Grosso. Ao estabelecer essa relação entre o caipira e a região litorânea, Lobato define o caráter do homem comum do interior paulista como símbolo da nacionalidade, ressaltando, sobretudo, as características negativas desse indivíduo.

Nesse mesmo trecho, Lobato cita, de forma crítica, dois escritores que também formularam imagens do homem brasileiro, com as quais o autor não concordava. Gonçalves Dias foi um dos expoentes da literatura romântica que consagrou a imagem idealizada do “índio-gentil-homem” como símbolo da nacionalidade brasileira (RÍCUPERO, 2004: 155). Visão que esse mesmo texto refuta. A imagem do índio de Mato Grosso, em seus aspectos essenciais, difere da idealização romântica dos povos indígenas.

O outro escritor, sutilmente criticado por Lobato, é Cornélio Pires, que produziu uma obra na qual construiu uma imagem idealizada do caipira paulista. Em sua obra, *Conversas ao Pé do Fogo* (1921), Cornélio Pires estabelece uma divisão de quatro grupos distintos de caipiras - o caipira branco, o negro, o mulato e o caboclo. Este último grupo – os caipiras caboclos - possuiria as características do Jeca Tatu como qualidades negativas (NAXARA, 1998: 123-124). Os debates entre Lobato e Cornélio Pires devem-se ao fato do primeiro desqualificar o homem rural do interior paulista, não aceitando as distinções feitas pelo segundo, que leva em consideração a questão racial, relegando características negativas apenas a uma parcela dessa população e formando uma imagem idealizada dos outros grupos. Essas questões estão presentes no chamado “caboclisto” – o “nacionalismo carro-de-boi” – criticado por Lobato por sua aproximação com a idealização romântica do indígena.

## **O Espaço**

Um outro aspecto do regionalismo, presente na obra de Lobato, está exposto no artigo *O Vale do Paraíba: diamante a lapidar* (LOBATO, 1964). Nesse texto, escrito em 1943, Lobato faz uma defesa apaixonada da região do vale do rio Paraíba, localizado na divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Essa região teria um valor estratégico por sua localização – entre a cidade porto, o Rio de Janeiro, e a cidade entreposto, São Paulo – desempenhando o papel de celeiro para esses “dois grandes apetites” (LOBATO, 1964: 226).

Essa importância do vale do Paraíba não se limita à capacidade de produção agrícola, mas está ligada, sobretudo, à sua localização geográfica. Outras regiões que apresentassem essa mesma capacidade de produção, ainda estariam em desvantagem em relação ao Vale, devido a sua proximidade com os grandes centros urbanos do litoral. Nesse texto está ressaltada a ação da natureza que, através dos processos milenares de erosão, possibilitou a formação de uma região com características tão apropriadas para a produção agrícola. Para que essa produção alcançasse resultados mais favoráveis, faltava apenas uma ação mais firme dos homens que desejassem esse desenvolvimento.

A visível relação entre o homem e os aspectos geográficos, também presente em *Urupês*, revela-se na seguinte afirmação do autor:

*O que a Natureza podia fazer pelo vale do Paraíba, já fez e está fazendo (...). Resta que o homem condicione o que falta, por que o que falta não depende da Natureza, sim e só, do homem (LOBATO, 1964: 230).*

O homem ao qual Lobato se refere nesse trecho é o “homem que administra o estado”, o político ao qual cabe a elaboração dos planos para os “desenvolvimentos futuros”. Assim, há uma diferença fundamental entre esse texto e o artigo *Urupês*, onde Lobato dirige ao homem simples do campo toda a culpa por sua improdutividade. Esse texto também revela outros aspectos dessa nova visão do autor em relação ao caipira do vale do Paraíba. Diferente dos textos *Urupês* e *Os Sertões de Mato Grosso*, a população do interior paulista é apresentada agora como “civilizada e capaz de iniciativas” (LOBATO, 1964: 230), ressaltando as transformações na obra do autor. De toda forma, esses textos apontam o caipira paulista como o portador das características que identificam a população de uma determinada região.

Podemos estabelecer uma ligação entre a identificação dessa população e a idéia de “paulistanidade”. O conceito de “paulistanidade”, utilizado por Luiz Fernando Cerri e por ele atribuído a Alfredo Ellis Jr, é entendido da seguinte maneira:

(...) *mecanismos de sistematização e transmissão de uma ideologia regionalista, significando tanto uma valorização da condição de ‘filho’ de São Paulo quanto uma ideologia que procura definir a identidade e o patriotismo paulista (CERRI, 1996).*

Os textos de Lobato estão incluídos nessa idéia regionalista de definição de uma identidade e mesmo de um patriotismo paulista, mas não seguem exatamente esse caminho de valorização da “condição de filho de São Paulo”. O artigo *Os Sertões de Mato Grosso* deixa claro o caráter de identificação do homem paulista, sobretudo no meio rural. Essas características são negativas - muito próximas dos traços apresentados em *Urupês* e *Velha Praga* - sendo apontadas como o “padrão geral da nacionalidade”.

Lobato identifica o homem paulista através de características que o desvalorizam, mas o autor valoriza o espaço físico que constitui a “região” chamada São Paulo. A isso está ligada a idéia presente no artigo *O Vale do Paraíba*, no qual Lobato enumera as potencialidades daquela região e chama a atenção dos homens para a necessidade de condicionar esse potencial. Ao mesmo tempo em que define a identidade do homem paulista, sobretudo do caipira, Lobato “nacionaliza” essa identidade.

O livro *Urupês* também está incluído nessa relação entre regionalismo e nacionalismo. Segundo Wilson Martins, o livro está envolto num tecido de contradições. Era um livro regionalista, e dessa forma foi recebido e aclamado, mas também respondia ao “nacionalismo visceral” de Lobato (MARTINS, 1978: 115). *Urupês* encaixa-se no que Antonio Cândido definiu como “regionalismo naturalista”. Segundo Luciana Murari, esse tipo de regionalismo literário conduz a um total alheamento do homem. Ele passa a integrar a

paisagem natural. No caso de *Urupês*, essa integração revela uma dependência do homem em relação à natureza. A narrativa literária, própria desse regionalismo naturalista, ressalta, sobretudo, o caráter exótico e pitoresco dos personagens, formulando imagens negativas (MURARI: 1999). Essas características apresentam-se em *Urupês* e também no artigo *Os Sertões de Mato Grosso*.

Dual e contraditório são, provavelmente, os adjetivos mais presentes na definição da obra de Monteiro Lobato. Sem dúvida, as alterações internas em seu pensamento possibilitaram essa interpretação. Mas, todas essas relações entre a obra de Monteiro Lobato com a literatura e com outras formas de expressão da arte nacional, ressaltam suas características mais marcantes. São o que Wilson Martins chama de “nacionalismo visceral” e a defesa de sua região como o centro cultural, político e econômico da nação, os aspectos que definem da melhor forma a obra de Lobato. Mesmo caracterizado por aspectos negativos, o caipira paulista – aos olhos de Lobato o legítimo representante da região litorânea, definidora do padrão geral da nacionalidade - tornou-se o símbolo do homem nacional.

### **Considerações Finais**

Ao analisar a obra de Monteiro Lobato, destacamos a importância da literatura para a definição de uma identidade nacional, nesse caso, aos moldes de uma região específica: o Estado de São Paulo. Como ocorreu com outros autores, a obra de Lobato esteve envolta pela contradição entre o regional e o nacional. Assim, a construção identitária que encontramos na obra do autor, representa a busca pela afirmação de uma identidade regional.

Em seus textos, Lobato reserva uma importância excepcional ao espaço físico - sobretudo ao tratar do vale do rio Paraíba. No nosso entendimento, esse fato está ligado à influência do determinismo geográfico, que conduz a uma maior valorização do meio em relação ao homem, sendo esse o ponto central do regionalismo naturalista. Esse fato se liga a uma outra característica da obra de Lobato. Seus personagens, que a partir do seu sucesso editorial, tornaram-se símbolos do homem brasileiro, representam a nacionalização da identidade paulista frente à nação, sendo o caipira do vale do Paraíba, o expoente maior dessa construção.

Nos textos do autor, o caipira paulista e o brasileiro são identificados pelas características que lhes faltam, pelo signo da ausência, como em toda a fase inicial de sua produção. Acompanhando as diferentes imagens do caipira construídas por Lobato, o autor

reservou ao espaço físico um papel de destaque em relação ao próprio homem. Para Lobato, eram as características geográficas que determinavam a forma de vida do caipira e do brasileiro, tanto em uma construção negativa, quanto em uma visão otimista.

## **Bibliografia**

ALEIXO, Adriana C. V. *A Imagem Literária de um Sertão chamado Brasil*. Disponível em <http://www.uepg.br/rhr/v1n1> em 03/08/2006 às 13:35.

CERRI, Luis Fernando. *Regionalismo e Ensino de História*. Revista de História Regional: volume I, num. 01, 1996. Disponível em <http://www.uepg.br/rhr/v1n1> em 26/09/2006 às 17:20.

CHALHOUB, Sidney; e PEREIRA, Leonardo A. de M; *A História Contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: CULTRIX, 1978: v. VI.

MURARI, Luciana. *O Culto da Diferença: imagens do Brasil entre exotismo e nacionalismo*. Revista de História 141 (1999), 45-58. disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/FLH/Revista> em 20/10/2006 as 17:40.

NAXARA, Márcia R. C. *Estrangeiro em sua Própria Terra*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998.

PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil: entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.

RÍCUPERO, Bernardo. *A nação segundo o Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANDES, Noé F. *Nação, Políticas de Saúde e Identidade (1920 – 1960)*. Goiânia: UFG, 2002.

WEHLING, Arno. *A Invenção da História: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho; Niterói: UFF, 1994.